

SKATE ALÉM DO ALTO RENDIMENTO: os efeitos da marginalização de skatistas da modalidade street no espaço urbano

Vitoria Vasconcelos da Silva¹

Resumo:

O objetivo desta pesquisa é analisar a existência da marginalização do Skate Street, na busca de entender se mantém a marginalização ao skate iniciante e amador na cidade, tem como justificativa a proibição do skate na cidade de São Paulo que gerou estigmas, violência e preconceito. A metodologia utilizada foi um questionário para em que os skatistas compartilharam suas percepções acerca da existência dos estigmas e reproduções dos preconceitos. A partir das análises foi possível compreender que andar de skate representa um ato social em meio urbano, presente em eventos esportivos e nas ruas, que fortalecem sua cultura e rompe com os estereótipos.

Palavras-chave: Marginalização. Skate street. Estigmas. Cultura do skate.

Abstract:

The objective of this research is to analyze the marginalization of street skateboarding, seeking to understand if the marginalization of beginner and amateur skateboarders in the city is justified by the prohibition of skateboarding in the city of São Paulo, which generated stigma, violence, and prejudice. The methodology used was a questionnaire in which skateboarders shared their perceptions about the existence of stigmas and the reproduction of prejudices. From the analysis, it was possible to understand that skateboarding represents a social act in an urban environment, present in sporting events and on the streets, which strengthens its culture and breaks with stereotypes.

Keywords: Marginalization. Skateboarding street. Stigmas. Skateboarding culture.

Introdução

O primeiro skate surgiu em 1939, na Califórnia, quando surfistas adaptaram suas manobras para o asfalto em dias de ondas baixas, a prática se intensificou em

¹ Aluna do curso Técnico em Organização Esportiva, na Etec de Esportes - Curt Walter Otto Baumgart - (vitoria.silva911@etec.sp.gov.br)

1970 e herdou do surf o estigma, de “subversivos à ordem urbana” (FOGLIATTO, 2020, p.53). No Brasil, a marginalização se tornou mais notória em 1988, com a proibição da prática na cidade de São Paulo, instituída pelo prefeito de São Paulo da época, alegando ser um transgressor, rebelde, atitudes idênticas às encontradas na cultura punk. Essa proibição gerou intensas manifestações, violência policial e preconceitos.

Nos últimos anos, a prática do skate vem crescendo, principalmente em 2021, com a estreia nas Olimpíadas de Tóquio. Segundo Maria (2024, p.9), em 2022, as mídias sociais permitiram crescimento, com a “mídiatização” do skate. Portanto, o trabalho tem como objetivo analisar a existência da marginalização do skate street, que se perpetua nos dias atuais, no município de São Paulo, compreendendo a influência que a proibição do skate em São Paulo ainda carrega, para os praticantes não profissionais.

Desta forma, os resultados esperados é que apesar das olimpíadas ter sido um marco na história do skate, a marginalização na prática esportiva ainda está presente, reproduzindo estigmas, violência e o preconceito que continua se perpetuando com skatistas amadores e iniciantes.

A importância do tema surge ao entender que existem “aproximadamente 8.449.980 (oito milhões quatrocentos e quarenta e nove mil novecentos e oitenta) pessoas”, segundo a Confederação de Skateboard (CBSK) em 2013, com dados relevantes que afirmam que a média de idade é dos praticantes são de 15 anos e 48% são da classe C, adotando o conceito do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Portanto, a ferramenta que o skate representa, não é apenas um esporte, e sim uma ferramenta de socialização, identidade e cultural. Dessa forma, o ensinamento que o skate carrega aos jovens, para desenvolver tais habilidades, a partir dos eventos com temática do skate, possibilita entregar a consciência social ao espaço urbano.

Por fim, é identificado que a manifestação esportiva do skate realiza a formação de indivíduos a partir de organizações esportivas, compreendendo a inserção dos jovens ao espaço urbano e o movimento social de uma subcultura. O trabalho enfatiza a cultura e a diversidade que envolve o skate, tornando-se além do

alto rendimento, como uma prática de identidade urbana na cidade de São Paulo, compreendendo se ainda há manifestação de preconceito e violência direcionados ao skate street sobre os praticantes que não são de alto rendimento.

O Pânico Morais e sua relação ao skate street

O pânico moral explica como funciona o processo de demonização de uma ação até a exaltação dela. Medo excessivo e generalizado de que algo, considerando ameaça à sociedade, aos valores e interesses sociais, existindo três fases para ocorrer o pânico moral, de acordo com Stanley Cohen² e Carla Machado³, expresso no trabalho da PUB realizado por Lucas Gamonal, Diana Vaisman e Cláudia Pereira.

Inicialmente a mídia organiza rumores e percepções sociais, sendo desordenada, esta etapa sucede de três tipos de processo: 1) “exagero e distorção”, 2) “predição” e 3) “simbolização”. O primeiro representa aumento na importância de um problema através de manchetes sensacionalistas; o segundo, a predição é a projeção futuras de recorrência a determinado episódio. Já o terceiro, ocorre através de palavras que representam algo como problema de uma forma estereotipada e dramatizada, montando a imagem de determinado grupo.

A segunda fase para o pânico moral é mobilizar opiniões e atitudes, uma tentativa em achar significado ao problema, procurando dar um significado ao problema. Nesta fase segundo Machado (2004) estrutura-se as ações aos agentes de desordem, construindo sua imagem demonizada através dos estereótipos. Portanto, nesta etapa também acontece o folk devils, ou seja, o bode expiatório, a um problema que o público projeta seus medos. As condenações desses grupos são socialmente os mais vulneráveis, “tal é o caso das subculturas juvenis, facilmente identificáveis pelos seus padrões comportamentais, agregação territorial e marcadores estéticos” Machado (2004).

A última fase deste processo é a remediação do problema, pensando-se o que deveria ser feito quanto aos desviados (Cohen, 2011). Entendendo a organização social criando cenários para encaixar determinados grupos na

² Stanley Cohen foi o sociólogo que implementou o termo pânico moral em seu livro “Folk Devils and Moral Panics” em 1972. Referência usada no livro “Skate 360”

³ Carla Machado, Universidade do Minho. Publicou seu artigo em 2004. Referência usada no livro “Skate 360”

sociedade. Para isso, o autor divide as respostas da sociedade ao desvio em três categorias: “sensibilização”, a “cultura de controle social” e “exploração”. A sensibilização acontece quando o público e a mídia ficam atentos caso reaparece o problema; a cultura de controle social ocorre quando agentes de controle formal (policiais e tribunais) reage de forma organizada com procedimento institucionais, entretanto, é importante enfatizar que existem agentes informais, combatendo para que não haja mudança aos valores simbólicos criando uma cultura controlada que exclui os desviantes.

Existindo uma relação de acusadores e acusados, acontecendo por ter um interesse na parte dos que denuncia e sua coexistência de alimentar a cultura encontrando uma solução é a exploração do acusado, que pode acontecer de diferentes. Em relação ao skate, por exemplo, têm a imagem associadas a uma série de produtos destinados ao público adolescente e marcas. Justificando também a o motivo do skate ter um mercado que movimenta cerca de bilhões de reais por ano no Brasil, em 2014, segundo a matéria do G1 e após a estreia nas Olimpíadas de Tóquio a venda de artigos de skate cresceu 57%. Mas além da exploração comercial, Cohen afirma que também existe a ideologia, que ocorre para tornar-se menos real ou problemática.

Portanto, é perceptível que a influência da demonização e exaltação é da mídia principalmente, determinando a visão da sociedade e o que deve ser mostrado. A essência da subcultura do skate é algo subversão à cultura dominante, significado a ideia de resistência.

Skate nas Ruas

Atualmente não é possível apagar o notável incentivo da prática do skate nas pistas, entretanto existe a pratica na rua e na modalidade esportiva não é valorizado “o confinamento da sociabilidade em um dado espaço tido como artificial, que apenas simula obstáculos encontrados nas ruas” (MACHADO, 2021) e sim valoriza a criatividade de encontrar lugares inesperado na cidade. Desta forma, há um distanciamento da lógica do skatista sobre o que é fomentado pelo poder público municipal, priorizando a criação de novas pista e a promoção de eventos; enquanto os skatistas almejam experiências socialmente e compartilhadas no espaço urbano no centro de São Paulo, segundo Giancarlo Machado.

É notório a melhor estrutura urbanística na região central de São Paulo, concentrando os picos⁴ almejados pelos skatista sendo os mais cobiçado “avenida Paulista, Faria Lima e Berrini” (MACHADO, 2021) oferecendo qualidade de equipamento. Entretanto há um controle desses espaços através de parafernália de vigilância, da presença de seguranças e policiais e guardas metropolitanos, tornando-se elemento que implica na prática do skate nas ruas.

Ao se tratar do skate de rua a prática é aos skatistas é tratada como “sujeitos indesejáveis” e principalmente em áreas nobres. Tais ações acontecem por não haver a questão financeira atrelado, com a utilização de “seus espaços a fim de fomentar o empresariamento urbano”.

Eventos de skate

Na cidade de São Paulo tem o maior número de participantes de skate no país (MACHADO 2012). A popularidade é tamanha que o até então vereador Alberto ‘Taco Loco’ determinou o dia 3 de agosto de 1995 o Dia Mundial do Skate⁵ e começou a ser celebrado em 2003.

Segundo o trabalho de Giancarlo Marques Carraro Machado, a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy na época construiu mais de sessenta pistas de skate, espalhadas por toda a cidade de São Paulo, a maioria instituída nos CEUs (Centros Educacionais Unificados). O objetivo desta ação foi para que os skatistas precisassem locomover longas distâncias e não praticar em locais privados. Entretanto, os espaços destinados à prática de skatista viram ponto de uso e comércio de drogas, em consequência a sociedade pressiona o poder público a transformar estes locais destinados à prática.

Baseando-se nesta problemática se elabora a proposta em criar a eventos⁶ nas pistas construídas. Desta forma nasce o Circuito Municipal de Skate, realizando o estímulo em prática em locais determinado “apropriados” e visando identificar skatistas que tenha interesse em trabalhar com os organizadores do evento.

⁴ Lugares com obstáculos para andar de skate, como escadaria, corrimão e bordas, ressignificando o espaço urbano

⁵ A data específica é considerada por lei, os skatistas paulistas costumam celebrar no Dia Mundial do Skate Social que é 21 de junho

⁶ Evento é a união de pessoas com um interesse em comum

Metodologia

A pesquisa realizada tem o teor qualitativo, buscando entender socialmente onde os skatistas estão inseridos, compreendendo se eles ainda identificam alguma forma de marginalização e se os estigmas causam alguma influência na vida desses indivíduos. A forma que será realizada a partir de questionário com 14 (catorze) perguntas, 10 (dez) com alternativas e 4 (quatro) discursiva.

O objetivo geral do trabalho é analisar a existência da marginalização dos praticantes da modalidade skate street no espaço urbano de São Paulo. Inicialmente o questionário foi aplicado no evento sobre skate, chamado Skate Jam, realizado em Suzano.

Resultados e Discussão

O questionário foi respondido por 21 pessoas, com a divisão entre identificação, skate e marginalização, por fim, a ligação dos eventos para minimizar os efeitos da marginalização, com os sentimentos dos skatistas dentro dos eventos. Dentro do evento do Skate Jam foi obtida 11 respostas, as demais respostas foi meio de distribuição do questionário a pessoas específicas que andam de skate participaram de algum eventos de skate.

Imagem 1 - Evento skate Jam em Suzano

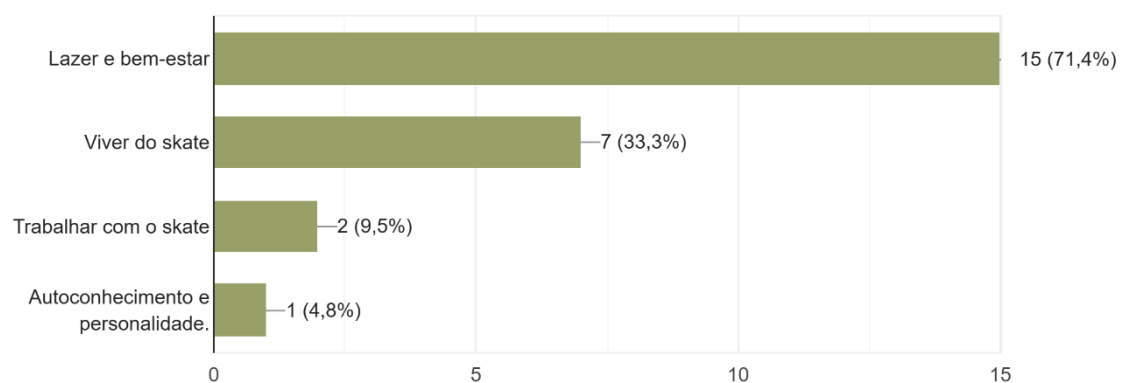


Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Na imagem é possível ver a midiaticização do skate, ao redor do skatista e o grande número de skatista que o evento mobiliza, sendo possível afirmar que a cultura está presente pela união de tantos skatista e compreender que a cultura do skate está adaptada aos eventos, não perdendo sua essência.

O público que respondeu 13 pessoas tem entre 19 a 29 anos e 8 pessoas estão na faixa etária entre 12 aos 18 anos. Obtendo diversos objetivos por andar de skate, com 71,4% por lazer e bem estar, 33,3% viver do skate, trabalhar com o skate 9,5% e 4,8% autoconhecimento, importante lembrar que está pergunta poderia escolher mais de uma alternativa, com a possibilidade de adicionar seu objetivo.

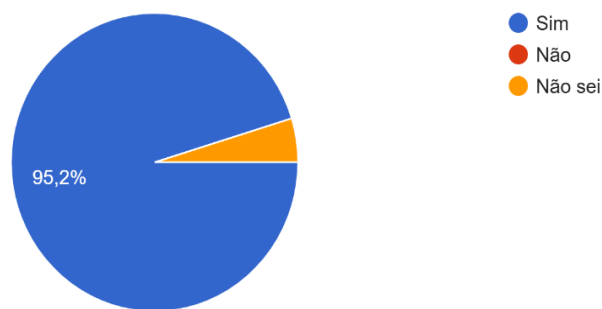
Gráfico 1 – Qual seu objetivo com o skate?



Fonte: Elaborado pela autora, 2025

Ao analisar o questionário houve uma unanimidade sobre existência do preconceito contra skatistas, com 95,2% afirmando que sim identificado pela cor azul no gráfico 2 e o que equivale 1 pessoa respondente a 4,8% não sabe, identificado pela cor amarela, evidenciando que ainda há um impacto da proibição do skate em São Paulo, através do preconceito.

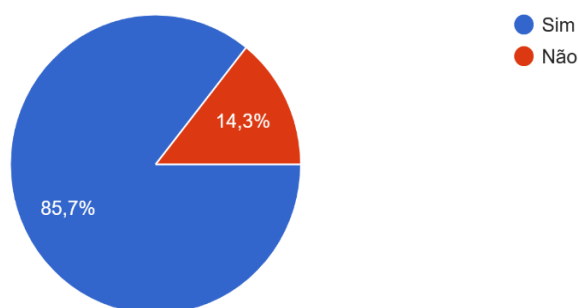
Gráfico 2 – Atualmente existe preconceito contra skatistas?



Fonte: Elaborado pela autoria, 2025

A partir disso, quando questionado sobre já ter sofrido alguma forma de marginalização por andar de skate, majoritariamente afirmam ter se sentindo marginalizado com 85,7% das pessoas, através de uma pergunta livre identifica que sentiram está marginalização por meia da família, olhares diferentes, abordagem policial e estigmas, identificado no gráfico 3 pela cor azul e 14,3% afirmaram que não se sentiu marginalizado, representada na cor vermelha. Entretanto, a questão se ações ainda ocorrem existe uma divergência de opinião, alegando que depois das olimpíadas essas ações acabaram, mas outros afirmam que o skate aplaude o skate do alto rendimento, mas saindo dos grandes campeonatos o skate ainda está sendo marginalizado pelas mesmas pessoas.

Gráfico 3 - Já se sentiu marginalizado(a) por andar de skate?

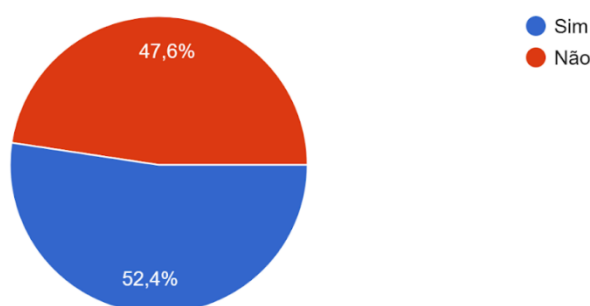


Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Por meio do questionário foi desvendando também divergência de opinião em relação aos estigmas que afetam em andar de skate, com a porcentagens próximas com 47,6% não sentir que o estigma atrapalhou na prática da modalidade,

representado pela cor vermelha e 52,4% afirmam que sim, já atrapalharam, identificada pela cor azul no gráfico 4.

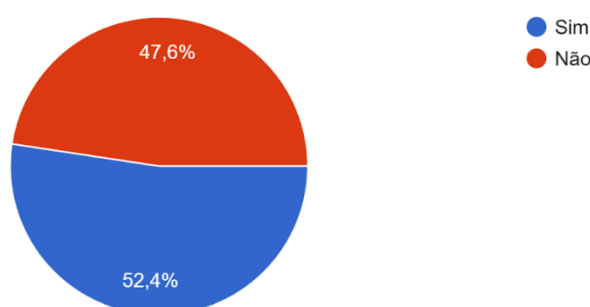
Gráfico 4 - você já sentiu que os estigmas atrapalharam em algum momento a sua prática de skate?



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Um dado interessante é a mesma relação do gráfico 4 com o gráfico 5 que busca entender que as grandes competições ofusca a cultura do skate, com 47,6% acreditam que não ofusca, representado pela cor vermelha no gráfico 5 e 52,4% acreditam ofusca, identificado pela cor azul.

Gráfico 5 - você acreditar que as competições profissionais ofuscam a cultura do skate a outros que não praticam a modalidade?

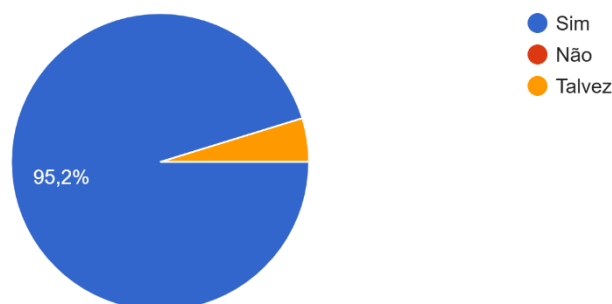


Fonte: Elaborado pela autora, 2025

Apesar da divergência sobre as competições profissionais, segundo os dados coletados os eventos destacam-se importância para a cultura do skate por conta do

respeito, união e a essência da cultura do skate que sem rivalidade nas competições, abordada de uma forma de resposta livre para se aprofundar mais. Elaborando desta forma o gráfico 6, que 95,2% enxergam importância de eventos de skate para a cultura, ferramenta utilizada para mudar o preconceito e 4,8% indicado na cor amarela, afirmam não saber.

Gráfico 6 - você acha importante eventos de skate para a cultura para mudar qualquer visão de preconceito que o skate que tem ou já teve?



Fonte: Elaborado pela autora, 2025

É importante para enriquecer a metodologia destacar uma das respostas sobre:

Na minha opinião existem duas polaridades no evento de skate (campeonato) no polo positivo faz com que o skate venha a ter mais investimento, respeitado, e gera grandes atletas; já no polo negativo existe o enfraquecimento da essência e persona do ser, enfraquecimento da forma de expressão pelo ato de obter lucros, pois a competição gera skatista sem alma, sem personalidade, skatista que só se preocupando em manobrar, na técnica e em ser premiado. Esquecendo assim, o mais importante, a essência. ”

Sendo importante ver o quando as competições podem perder seu essência, havendo uma importância nos eventos das ThrasherMagazie, X-games e skate day, que inclusive acontece no mundo inteiro, mas em relação ao mercado que o skate movimenta, os eventos nacional, com uma relação de proporção é considerado baixas.

Considerações finais

A presente pesquisa, que explorou o tema a marginalização do skate, demonstrou relevância por ter o foco principal na cidade de São Paulo, local em que o skate foi anteriormente proibido e que ainda se decide por questões políticas se é permitido andar de skate nas vias públicas, por ocorrer opressão.

Deste modo, a proposta de investigar a existência da marginalidade atual, que rodeia o skate street na cidade de São Paulo, é evidenciada através da pesquisa bibliográfica e ressaltando com a análise dos resultados da metodologia. Com os skatistas a entenderem o se expressar da existência do preconceito ao skate que não é apresentando nas mídias sociais e televisiva.

Compreende-se que o investimento ao skate exalta as grandes competições e deixando de lado a sua cultura do skate street nas ruas para as novas gerações, tornando-se uma forma de alinhar com a sociedade estabelecendo o controle cultural para que não haja o pânico moral. Apesar dos eventos e as pistas de skate surgir com a forma de controle, a cultura do skate integrou a si como uma formar de atual solução para diminuir o preconceito e a marginalização do skate, evidenciado na metodologia do artigo. Portanto, é importante lembrar que apesar dos eventos ser praticados nas pista de skate, normalmente, não existe uma relação que anulação das duas pratica, com os eventos também carregando importância para o cultivo da cultura

Entrando na pesquisa tem a limitação de empreender os estigmas fora do âmbito do skate, mesmo que a pesquisa identifique andar de skate uma ação social. Verifica-se a restrição da amostra utilizada, o que pode impactar a generalização dos resultados, limitando a resposta de 21 participantes. Sugere-se, portanto, que futuras pesquisas apliquem a metodologia deste trabalho a mais participantes em busca de aprofundar-se sobre os estigmas nas outras camadas de vida em sociedade.

Por fim, a realização do artigo foi um constante processos de aprendizagem e contribuições pessoais, permitindo ao pesquisador a conscientizar-se sobre do skate dentro do espaço urbano e sociedade, além da organização de eventos para a contribuição à subcultura do skate, havendo uma relevância da aplicação das pesquisas sociológicas teóricas. Contudo o estudo reforça a necessidade de analisar

os dados para contribuir na interpretação da pesquisa, revisão e síntese literária de trabalhos anteriores, desenvolvendo o aprofundar de senso crítico e consolidando a fluidez na comunicação escrita, com clareza.

Referências

ARTUNES, Amanda; PEREIRA, Claudia. **Skate 360°: rolês teóricos pelas ruas da cidade**, PUC-RIO, Rio de Janeiro, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://www.editora.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=794&sid=3>. Acesso em 18 ago. 2025.

BRANDÃO, Leonardo. **Esportes de ação: notas para uma pesquisa acadêmica. Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 32, p. 59-73, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/YMhNSwy9ksFLNch4ckr9bmx/?lang=pt>. Acesso em 29 de ago. de 2025.

DIAS, Giuslaine de Oliveira. **Skateboard para além do esporte: manifestação social e movimento cultural**. Brasília, 2011. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2680/1/2011_GiuslainedeOliveiraDias.pdf. Acesso 17 ago. 2025.

FOGLIATTO, MDSSA; MARQUES, José Carlos. Dropando sobre as pranchas: os impactos das transformações conceituais das práticas do surfe e do skate refletidos no anúncio do comitê olímpico internacional. **História: Questões & Debates**, v. 68, n. 2, p. 37-54, 2020.

MARIA, Gabriel Garcia dos Santos. Gabriel Garcia dos Santos Maria. **DO VANDALISMO AO ESPETÁCULO: análise dos impactos das mídias digitais na popularização do skate no Brasil após a sua estreia nas Olimpíadas**. UFRGS, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/288501/001242318.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 16 ago. 2025.

SILVEIRA, Luiz Felipe de Lourenço; RIBEIRO, Ana Carolina C. UM SKATEBOARD PAULISTANO: PROJETO, ESPAÇO E CULTURA. In: **Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP**. 2024. Disponível em: [file:///C:/Users/Etec%20de%20Esportes/Downloads/CONICT_2024_\(489\).pdf](file:///C:/Users/Etec%20de%20Esportes/Downloads/CONICT_2024_(489).pdf). Acesso em 20 ago. 2025

SILVESTRE, Rodrigues; FERNANDES, Luís. **Trabalho e processos de marginalização social no século XXI: aproximações teóricas e dados estatísticos**. Revista da Faculdade de Letras, 27-44, 2014. Disponível em: <https://share.google/4KhtAJaJ5sXAQi5sT>. Acesso em 19 ago 2025.

MACHADO, Carla. (2004). **Pânico Moral: Para uma Revisão do Conceito**. *Interações: Sociedade E As Novas Modernidades*, 4(7). Obtido de <https://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/125>

DE LUCA, Adriana. **Vendas de artigos de skate crescem 57% após as Olimpíadas**. CNN Brasil, 14 ago 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/vendas-de-artigos-de-skate-crescem-57-apos-as-olimpiadas/>. Acesso em 19 ago 2025.

GLOBO, “**Estilo skatista vira moda e movimentou R\$ 1 bilhão por ano, diz pesquisa**”. G1 – São Paulo / Itapetininga e região, 27 jul. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2014/07/estilo-skatista-vira-moda-e-movimentou-r-1-bilhao-por-ano-diz-pesquisa.html>. Acesso em: 19 ago. 2025.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **Os enquadramentos da cidadania: sobre os impactos da prática do skate de rua na cidade de São Paulo**. *Revista de Antropologia*, v. 64, n. 3, e189652, 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/189652/177817>. Acesso em: 19 ago. 2025.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De skate pela cidade: quando o importante (não) competir**. *cadernos de campo*, São Paulo, n. 21, p. 1-360, 2012. Disponível em: <https://share.google/PdsYNVwPMV4XlqAaX>. Acesso em 29 out. 2025.